

A destruição do Meio Ambiente e sua relação direta com a saúde dos Yanomami no Brasil

The destruction of the environment and its direct relationship with the health of the Yanomami in Brazil

Júlia Watanabe Maciel Leme^a, Allan Carlos Pscheidt^b, Elisangela Ronconi Rodrigues^c

a: Graduada em Biologia, Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

b: Doutor em Biodiversidade Vegetal e Meio Ambiente. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

c: Doutora em Biologia Vegetal. Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

RESUMO

Este estudo visa elucidar os efeitos da destruição ambiental histórica sobre as doenças e mortes entre os Yanomami, uma coletividade de caçadores e fazendeiros residentes no Brasil e Venezuela. Utilizando metodologia qualitativa e baseando-se em "A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami" e outros trabalhos acadêmicos, analisa a trajetória de sofrimento deste povo desde os primeiros contatos destrutivos com não-indígenas até os desafios atuais, incluindo epidemias e a degradação ambiental ligada ao garimpo ilegal. Revela como o aumento significativo de mortes e desestruturação social destaca as cicatrizes deixadas pelo contato prolongado com a sociedade não-indígena. Discute também a contínua exploração e destruição das terras Yanomami por atividades econômicas e políticas governamentais, exacerbando a vulnerabilidade a doenças e barreiras ao acesso à saúde. Conclui enfatizando a necessidade de reconhecer e respeitar os direitos Yanomami para garantir sua sobrevivência, bem-estar, e a preservação de suas terras e tradições culturais e espirituais, frente a uma crise global que afeta povos indígenas mundialmente.

Descritores: antropologia, indígena, atenção à saúde, saúde ambiental, desmatamento

ABSTRACT

This study aims to elucidate the effects of historical environmental destruction on diseases and deaths among the Yanomami, a collective of hunters and farmers residing in Brazil and Venezuela. Utilizing qualitative methodology and drawing on "The Falling Sky - Words of a Yanomami Shaman" and other academic works, it analyzes the trajectory of suffering of this people from their first destructive contacts with non-Indigenous individuals to current challenges, including epidemics and environmental degradation linked to illegal mining. It reveals how a significant increase in deaths and social disintegration highlights the scars left by prolonged contact with non-Indigenous society. It also discusses the continuous exploitation and destruction of Yanomami lands by economic activities and government policies, exacerbating vulnerability to diseases and barriers to healthcare access. It concludes by emphasizing the need to recognize and respect Yanomami rights to ensure their survival, well-being, and the preservation of their lands, cultural traditions, and spiritual beliefs, in the face of a global crisis affecting indigenous peoples worldwide.

Descriptors: anthropology, indigenous, healthcare attention, environmental health, deforestation

INTRODUÇÃO

Os Yanomami, uma coletividade de cerca de 30 mil pessoas que vivem no Brasil e parte da Venezuela, são caçadores e fazendeiros que habitam áreas espalhadas ao longo de centenas de milhares de quilômetros. Estas comunidades raramente ultrapassam 100 membros. Sua interação com os não-indígenas começou nas primeiras décadas do século XX, intensificando-se nas décadas de 1960 e 1970, e cresceu ainda mais com a chegada das mineradoras e agropecuárias na década de 1990¹.

No Brasil, os Yanomami residem nos Estados do Amazonas e Roraima, num território de aproximadamente 192.000 km², sendo assim a maior terra indígena brasileira. Tiveram seu território homologado em 25 de maio de 1992, por um decreto presidencial².

A medicina Yanomami baseia-se no xamanismo e no uso de plantas medicinais, com pelo menos 203 espécies documentadas em pesquisas etnobotânicas^{3,4,5}.

Assim que tiveram seus primeiros contatos permanentes com a sociedade não-indígena ocorreram uma sucessão de epidemias, como a gripe, o sarampo e a coqueluche, que os Yanomami, bastante vulneráveis por conta de seu isolamento, sofreram diversas perdas. Após o contato permanente com não-indígenas, enfrentaram epidemias devastadoras de gripe, sarampo e coqueluche, exacerbadas pelo seu isolamento⁶. Além disso, enfrentam a destruição ambiental e surtos de malária ligados ao garimpo ilegal, que persistem como ameaças desde 1987⁷.

Este trabalho investiga as consequências do contato entre os Yanomami e a sociedade não-indígena, marcado por séculos de exploração, doenças e desestruturação social. Através de uma análise histórica e etnográfica, fundamentada em obras de referência como “A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami”, pretende-se mapear os eventos críticos e desastres ambientais que resultaram em significativas perdas humanas e culturais para os Yanomami, bem como as respostas e adaptações dessa comunidade frente às incursões e explorações de suas terras. Ao explorar as dinâmicas de interação entre os Yanomami e as forças externas, o estudo busca não apenas compreender o impacto desses contatos na saúde, cultura e meio ambiente Yanomami, mas também contribuir para o debate sobre políticas de proteção aos direitos indígenas e à conservação ambiental, evidenciando a necessidade urgente de ações concretas que assegurem a sobrevivência e o bem-estar deste povo ancestral.

MÉTODO

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, com o objetivo de compreender em profundidade os impactos históricos e atuais da interação entre os Yanomami e a sociedade não-indígena, bem como as consequências da destruição ambiental e das epidemias sobre esta população. O estudo fundamenta-se principalmente na obra "A queda do céu – palavras de um xamã Yanomami" que oferece uma perspectiva interna sobre as experiências, a cosmologia e os desafios enfrentados pelos Yanomami diante das incursões externas e das mudanças ambientais.

A primeira fase, utilizando "A queda do céu" como núcleo central do corpus analítico, envolve uma revisão sistemática de artigos acadêmicos, livros e relatórios de organizações indígenas e ambientais. A pesquisa se deu nas principais bases de dados como o Google Acadêmico e SCIELO. Esta revisão identifica e sintetiza informações sobre os primeiros contatos dos Yanomami com não-indígenas, a evolução da interação, os principais eventos de desestruturação social e ambiental, e as respostas dos Yanomami a estas pressões.

As informações coletadas foram submetidas a uma análise de conteúdo temática, com foco em categorizar e interpretar os dados segundo os temas principais: a) primeiros contatos e epidemias; b) impactos ambientais do garimpo e agropecuária; c) respostas e resistências Yanomami; d) políticas públicas e seus efeitos sobre os Yanomami.

Dada a sensibilidade da pesquisa com povos indígenas, uma reflexão ética sobre o posicionamento da pesquisa e a representação respeitosa das vozes Yanomami foi integrada ao processo de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A interação contínua dos Yanomami com a sociedade não-indígena, destacada pelo aumento significativo de mortes e desestruturação social, evidencia as profundas cicatrizes deixadas por séculos de contato. É possível traçar um panorama detalhado dos principais eventos ambientais desastrosos que afligiram as terras Yanomami, resultando em um crescente número de doenças e mortes. Este histórico de interação revela um padrão degradante de vida, impulsionado pela cobiça do ouro e exacerbado por outras atividades invasivas como a agropecuária, a colonização agrícola, a exploração florestal e a extração mineral.

Os primeiros contatos diretos entre os Yanomami e representantes da sociedade ocidental, ocorridos entre as décadas de 1910 e 1940, deram início a uma era de desafios sem precedentes. A subsequente abertura de postos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) e a

fundação de missões religiosas católicas e evangélicas marcaram o começo de uma presença não-indígena permanente em seu território⁶. Esses eventos iniciais foram apenas o prelúdio de uma série de consequências devastadoras para os Yanomami, incluindo epidemias de sarampo, gripe e coqueluche, agravadas pela destruição ambiental de suas terras.

A construção da Perimetral Norte (BR-210) na década de 1970, projetada para aumentar o fluxo de mercadorias e facilitar a ocupação territorial, catalisou uma mudança irrevogável na vida dos Yanomami, quebrando o silêncio milenar da floresta¹. A estrada foi logo abandonada em 1976. A invasão por garimpeiros e a subsequente corrida do ouro, iniciada em 1987, desencadeou uma série de impactos ambientais e sociais catastróficos, incluindo epidemias, desorganização social, contaminação por mercúrio e uma alarmante taxa de mortalidade.

Os índios Yanomami que habitavam ao longo do traçado da BR-210 foram contaminados e sofreram repetidas epidemias de gripe e sarampo, além de outras doenças, e muitas mulheres se prostituíram. Esse contato provocou no grupo uma grande desorganização, deixando-os sem condições de realizar suas atividades regulares⁸. Durante essa mesma época (1975) a RADAM detectou que naquele local havia importantes jazidas de minerais, o que desencadeou um movimento progressivo de garimpeiros naquele local. Foram abertas centenas de pistas clandestinas de garimpo, com números que vão de 30 a 40.000 garimpeiros, dando início assim em 1987 à corrida do ouro⁵.

Assim que a terra começou a ser invadida, nas altas terras yanomami, além da pneumonia, os garimpeiros começaram a revirar as nascentes para extrair minérios, resultando em inúmeras lagoas artificiais, que viraram criadouros do vetor da malária. Segundo o Ministério da Saúde, estima-se que entre 1987 e 1990, aproximadamente 14% da população yanomami morreu por conta das doenças dos garimpeiros.

A mineração de ouro produz rejeitos contendo mercúrio metálico, além de problemas como descaracterização das formas topográficas originais, supressão de vegetação e assoreamento dos rios⁹. Eles lavam o pó de ouro misturando com o mercúrio, o que acaba contaminando a água dos rios, que são fonte de água e sustento e adoecendo os peixes, que servem de alimento para os yanomami. “Quem os come corre risco de morrer de disenteria, descarnado, com violentas dores de barriga e tontura”¹. Não somente isso, empestieiam a floresta com gases dos motores e os vapores do ouro e do mercúrio que são queimados juntos para formarem as pepitas e são guardados em caixas de ferro que, quando aquecidas pelo sol exalam aromas ruins, assim como sacos de cassiterita depositados no solo. “Tudo isso se mistura, para se tornar uma única epidemia *xawara*, que dissemina por toda parte febre, tosse e outras doenças desconhecidas ferozes que devoram nossas carnes”¹.

Desde 1990, diversas operações de desintrusão pela Funai e Polícia Federal contiveram um pouco o número de garimpeiros em suas terras, mas apesar disso, os grupos de garimpeiros nunca deixaram de fato de operar, dando continuidade à destruição da floresta, a morte indígena e à violência – tendo o caso do “massacre de Haximu”, em 1993, como exemplo mais exorbitante. Em função desse inevitável contato, da corrida do ouro até 1993, regiões inteiras se desorganizaram, devido às epidemias e à degradação ambiental nas florestas e nos rios¹⁰.

Além dos garimpeiros, os colonos também são responsáveis pela destruição da floresta, causando imensos incêndios, como os de 1998 e 2003. Devido a grandes queimadas em regiões que a seca é bastante acentuada, queimadas agrícolas e fenômenos naturais como o El Niño, em 1998, em Roraima, foi queimada uma área estimada de cerca de 12.000 km².

Em 2003, grande parte dessa mesma área foi novamente impactada pelo fogo¹¹. Todo esse incêndio afugentou a caça e fez com que houvesse uma grande dificuldade de acesso à saúde para os indígenas. “A fumaça que encobria a reserva impedia que órgãos como CCPY, FUNAI e FNS entrassem na área e atuassem no combate a doenças como malária (principal), problemas branco-pulmonares e complicações intestinais”¹².

Passado um tempo, em 2005, a malária voltava a crescer por conta de limitações de políticas de saúde indígena, quando foi divulgado pela CCPY um documento que mostrava o crescimento dos casos de malária, com 1.006 casos entre janeiro e setembro de 2005. Assim, a incidência da malária na Terra Yanomami desde 2006 retornou aos níveis epidêmicos da década de 90 e a doença voltou a ser causa de morte (Comunicado URIHI - Out/2007). No período de 2005 a 2014, foram registrados 41.689 casos de malária no conjunto de todos os Polos Base de Saúde do DSEI-Y (Distrito Sanitário Especial Indígena)¹³.

A exploração e a destruição contínuas das terras Yanomami por atividades de garimpo e agropecuária, junto com os incêndios desastrosos nas décadas de 1990 e 2000, não só devastaram o meio ambiente, mas também impuseram sérias barreiras ao acesso à saúde, exacerbando a vulnerabilidade dos Yanomami a doenças como a malária. A crescente prática de garimpo em terras indígenas, especialmente sob a administração de Jair Bolsonaro a partir de 2018, evidencia uma escalada de violência e negligência em relação aos direitos indígenas, apontando para um agravamento das condições de vida dos Yanomami¹⁴.

A partir de 2018 foi perceptível o grande número de barreiras em relação aos povos indígenas, sendo um governo que incentivou práticas genocidas, defendeu um “Marco Temporal” e facilitou a exploração de recursos naturais, o que acarretou num aumento de violência na região. De 2010 a 2020, cresceu em 495% a área ocupada pelo garimpo dentro de terras indígenas. Sendo que em 2010, foi registrado pelo estado 5,7 mil casos de malária que

diminuíram para 1,2 mil em 2013. Mas com o crescimento do garimpo em cerca de 30%, em 2020 o número de casos de malária chegou a 18 mil em Roraima¹⁵.

“O garimpo ilegal cresceu 54% em 2022 e devastou novos 1.782 hectares da Terra Indígena Yanomami (TIY), conforme levantamento feito por imagens de satélite. O monitoramento da Hutukara Associação Yanomami (HAY) aponta crescimento acumulado de 309% do desmatamento associado ao garimpo entre outubro de 2018 e dezembro de 2022”¹⁶.

Com tudo isso, é possível perceber quantos problemas ambientais e sanitários vem ocorrendo constantemente nas Terras Indígenas, desde seus primeiros contatos até os dias atuais.

O conceito de "povos da floresta" é um termo geralmente usado para mostrar que os povos originários vivem nas florestas tropicais ao redor do mundo e são parte dessas florestas com plantas e animais. Essa denominação tem sua origem na percepção e reconhecimento de que esses grupos têm uma relação muito estreita e dependente com as florestas nas quais vivem. Para essas comunidades, a floresta não é apenas um local para viver. É fonte de alimento, abrigo, medicina e é fundamental para suas culturas e espiritualidade.

A exploração de recursos avança sobre essas áreas e a relação da sociedade com povos originários, como os Yanomami, muitas vezes levou a dificuldades, injustiças e problemas com a saúde, estilo de vida e sobrevivência desses povos. Esses encontros afetaram profundamente os Yanomami de várias maneiras, não apenas em sua saúde.

Uma questão significativa é a propagação de doenças e a poluição do meio ambiente devido às atividades de mineração. Existem muitos fatores diferentes que levaram os Yanomami a adoecerem, sendo o garimpo o maior responsável por isso. Mas a saúde é apenas um aspecto. Também temos que considerar os desafios sociais, culturais e ambientais para compreender plenamente o que os Yanomami estão vivendo.

A introdução da sociedade ocidental interrompeu os modos de vida tradicionais dos Yanomami. Essa mudança repentina trouxe novas formas de viver e pensar, muitas vezes conflitantes com as crenças e estilo de vida tradicionais dos Yanomami.

As atividades ocidentais, principalmente a construção de estradas e a mineração de ouro, causaram graves danos ao meio ambiente Yanomami. A perda de seu habitat natural e a poluição de suas fontes de água e alimentos podem levar a graves problemas de saúde. Mais do que a saúde física, também ameaça suas tradições culturais e espirituais.

Este cenário sombrio reflete uma realidade onde a floresta, essencial para a vida, cultura e espiritualidade dos Yanomami, foi irrevogavelmente alterada. A invasão de suas terras e a subsequente perda de autonomia não apenas ameaçam a saúde física dos Yanomami, mas

também comprometem profundamente suas tradições culturais e espirituais. A resistência dos Yanomami contra essas adversidades não é apenas uma luta pela sobrevivência; é um apelo à humanidade para reconhecer a importância de proteger os direitos, as terras e a cultura deste povo ancestral.

Por exemplo, a floresta, outrora um lugar tranquilo para os Yanomami, "perdeu o silêncio". Com isso, os Yanomami também perderam parte significativa de seu estilo de vida e identidade cultural. A floresta não é apenas um lugar de vida para os Yanomami. É uma parte crítica de sua visão de mundo, formando uma conexão entre eles, seus ancestrais e o reino espiritual.

Apesar dessas dificuldades, os Yanomami são resilientes. Eles resistem continuamente às tentativas de tomar suas terras e independência e trabalham duro para manter vivas suas tradições culturais. A saúde, a sobrevivência e a dignidade dos Yanomami e de outras comunidades indígenas dependem do reconhecimento de seus direitos, da conservação de suas terras e do respeito à sua autonomia cultural e espiritual.

A história dos Yanomami é um lembrete urgente da necessidade de uma ação global e local comprometida em proteger os direitos indígenas e preservar a diversidade cultural e ambiental do planeta. Reconhecer e respeitar os direitos dos Yanomami é fundamental para o bem-estar coletivo da humanidade e para a preservação do equilíbrio ecológico global. A luta dos Yanomami contra a exploração e a injustiça simboliza um desafio mais amplo enfrentado por povos indígenas em todo o mundo, destacando a necessidade de uma solidariedade global na proteção de suas terras, culturas e futuros.

A presente reflexão sobre os Yanomami não se limita ao passado. Ela projeta luz sobre os desafios contemporâneos, que incluem a degradação ambiental acelerada e as violações de direitos humanos, fruto de políticas governamentais e práticas econômicas predatórias. Essas questões não são isoladas; elas são sintomas de uma crise global que afeta povos indígenas ao redor do mundo, destacando a necessidade urgente de uma mudança paradigmática nas relações entre sociedades indígenas e não-indígenas.

A luta dos Yanomami transcende a sua própria sobrevivência, simbolizando uma questão mais ampla sobre a sustentabilidade, a justiça social e o respeito à diversidade cultural e ambiental. É essencial que as sociedades contemporâneas reconheçam a importância de escutar, aprender e agir em solidariedade com os Yanomami e outros povos indígenas, visando não apenas remediar as injustiças do passado, mas também construir um futuro coletivo mais justo e sustentável. A preservação da vida Yanomami e de sua ancestralidade está intrinsecamente ligada à preservação do meio ambiente global e à riqueza cultural da humanidade, exigindo ações concretas para a proteção de seus territórios, práticas culturais

e autonomia. Assim, reitera-se a urgência de um compromisso global e local para com os direitos, a dignidade e a liberdade dos Yanomami, assegurando que tais princípios sejam o alicerce para qualquer interação futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interação entre os Yanomami e a sociedade não-indígena sublinha as marcas profundas deixadas pelo colonialismo, exploração e injustiça social ao longo dos séculos. Essas interações não apenas entrelaçam aspectos de cultura, saúde, meio ambiente e direitos humanos, mas também evidenciam a persistência de desafios enfrentados por este povo. O reconhecimento e respeito aos direitos Yanomami emergem como imperativos para garantir sua sobrevivência e bem-estar, assim como para preservar suas terras, tradições culturais e espirituais. A trajetória dos Yanomami, marcada por séculos de mortes, explorações e conflitos, revela a continuidade das adversidades desencadeadas pelo primeiro contato destrutivo com a sociedade não-indígena. Esta análise histórica expõe não apenas o legado de sofrimento, mas também destaca a resiliência deste povo em face das adversidades modernas. Desde o início da invasão de suas terras, passando pelas epidemias e chegando às práticas contínuas de garimpo ilegal, cada evento reflete a gravidade dos impactos ambientais e sociais sofridos pelos Yanomami.

REFERÊNCIAS

1. Kopenawa D, B Albert, Moisés BP, Batalha E. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia Das Letras; 2016.
2. Amarante JM, V Lúcia, Monteiro J. O controle da tuberculose entre os índios Yanomami do Alto Rio Negro. Bol. Pneumol. Sanit. 2003;11(2):5-12. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-460X2003000200002
3. Milliken W, Albert B. Uso de plantas medicinais pelos Índios Yanomami do Brasil. Econ Bot. 1996;50,10-25. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF02862108>
4. Milliken W, Albert B. Uso de plantas medicinais pelos Índios Yanomami do Brasil, II. Econ Bot. 1997;51,264-278. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF02862096>
5. Albert B. A fumaça do metal: História e representação do contato entre Os Yanomami. Anuário Antropológico. 1990;14(1),151-89. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6434>
6. Albert B, Kopenawa D. O espírito da floresta. São Paulo: Companhia das Letras; 2023.
7. Guimarães SMF. O sistema médico Sanumá-Yanomami e sua interação com as práticas biomédicas de atenção à saúde. Cad Saúde Pública. 2015;31(10):2148–56. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00194414>

8. Bigio E. Programa(s) de índio(s): falas, contradições, ações interinstitucionais e representações sobre índios no Brasil e na Venezuela (1960-1992) [tese de Doutorado]. Brasília: Universidade de Brasília; 2007. Disponível em: <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/2386>
9. Tannús MB, Pimentel PF, Castro e Silva MEM, Moreira CVR, Oliveira EC. Projeto Paracatu: Concepção e Resultados Preliminares. In: Jornada Internacional de Impacto Ambiental do Mercúrio Utilizado pela Atividade de Mineração Artesanal na Iberoamérica; 2001; Lima, Peru. Disponível em: http://www.gama-peru.org/jornada-hg/bartasson_faleiro.pdf
10. Mapa de Conflitos. O garimpo ilegal e o genocídio Yanomami. 2023. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/rr-invasao-de-posseiros-e-garimpeiros-em-terra-yanomami/>
11. Barbosa R, Xaud M, Silva G, Cattâneo A. Cinzas na Amazônia: incêndios florestais reencontram Roraima. *Ciência Hoje*. 2004;35(207):22-27.
12. Barbosa RI. Avaliação preliminar da área dos sistemas naturais e agroecossistemas atingida por incêndios no Estado de Roraima (01.12.1997 a 31.03.1998). Boa Vista: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia Núcleo de Pesquisas de Roraima; 1998. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/BCD00104.pdf>
13. Sánchez Riba J. Aspectos ecológicos da transmissão da Malária em área indígena Yanomami, Brasil [tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz; 2015. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/13704>
14. Santos NM da Silva. O governo Bolsonaro e a necropolítica voltada aos povos indígenas: o caso Yanomami [trabalho de conclusão de curso]. Brasília: Universidade de Brasília; 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/31105/1/2021_NatalieMachadoDaSilvaSantos_tcc.pdf
15. Projeto de Mapeamento Anual do Uso e Cobertura da Terra no Brasil (MapBiomias). Área ocupada pela mineração no Brasil cresce mais de 6 vezes entre 1985 e 2020. Agosto de 2020. Disponível em: <https://mapbiomas.org/area-ocupada-pela-mineracao-no-brasil-cresce-mais-de-6-vezes-entre-1985-e-2020>
16. Garimpo ilegal na Terra Yanomami cresceu 54% em 2022, aponta Hutukara | ISA. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/garimpo-ilegal-na-terra-yanomami-cresceu-54-em-2022-aponta-hutukara>

CONTATO

Júlia Watanabe Maciel Leme: julia_wata@hotmail.com